

Somnas ossem



**Subsídios didáticos  
sobre a questão indígena**

# SOMOS ASSIM

**Subsídios didáticos  
sobre a questão indígena**

**Série A – Vol. 3  
Cimi-CNBB  
1988**

# Índice

Apresentação ..... 7

## **1ª Parte – Somos assim**

1 – O nascimento da vida .....	10
2 – O menino e a flauta .....	15
3 – A festa da menina-moça .....	19
4 – A festa dos wapté .....	23
5 – O casamento de Araru .....	28

## **2ª Parte – Estamos assim**

1 – A nação Krahô .....	34
2 – Os Mäkraré se levantam .....	35
3 – A nação Xavante .....	37
4 – A fome ameaça os Xavante .....	38
5 – A nação Bororo .....	40
6 – Rompendo 81 anos de silêncio .....	41
7 – A nação Nambiquara .....	43
8 – Vamos matar este índio .....	44

**Capa:** Orestes Tserewano, Xavante

**Desenhos:**

Alberto Alves: págs. 19, 34, 35, 38, 40, 41 e 44

Ciça Fittipaldi: págs. 9, 16, 17, 18, 20, 22, 31, 43, 45 e 46

Geraldo Gomes: págs. 42 e 46

Índio Krahô: pág. 12

Mário Bordignon: págs. 42 e 46

Mário Zan: págs. 15 e 32

Maurílio Barcelos: pág. 28

Orestes Tserewano, Xavante: págs. 24, 27 e 39

**Texto:** Benedito Prezia

**Programação Visual:** Benedito Prezia

**Diagramação e Arte:** Dilson Faria Neves

# Introdução

Com muita satisfação estamos lançando mais um volume da **Série A dos Subsídios didáticos sobre a questão indígena**. A aceitação dos dois primeiros, que juntos ultrapassaram os 40 mil exemplares, nos indica que é por esse caminho que devemos seguir.

Com este texto tivemos dois objetivos: primeiramente abolir a idéia do índio "anônimo", que deixou de ser Xavante ou Guarani para se tornar em muitos lugares, "tapuio", "caboclo", "bugre", ou simplesmente "índio". Segundo, mostrar, em contrapartida, os rituais e festas que vão dar a fisionomia de cada povo, para aos poucos ir revelando aos nossos estudantes a beleza e a densidade cultural de cada rito e cerimônia, que muitas vezes estão mais perto de nós do que imaginamos.

Por questão de espaço, apresentamos apenas alguns rituais de nascimento, da iniciação à vida adulta e do casamento, que formam as primeiras etapas da vida **Xavante, Krahô, Bororo e Nambiquara**. Os temas são complexos e exigiriam uma abordagem mais profunda, o que foge dos objetivos deste livrinho. Para isso indicamos os suplementos de 1986 do Jornal Porantim e a bibliografia complementar colocada no final de cada capítulo.

Ao contrário dos volumes anteriores, estamos dividindo o livreto em duas partes: a primeira, mais simples e com exercícios, destinada aos alunos da 5ª e 6ª série; a segunda parte, um pouco mais política, para os alunos das séries mais adiantadas e para os professores. Entretanto isto não impede que os alunos das classes elementares possam usá-la como leitura complementar e para pesquisa.

Nos exercícios tivemos a preocupação de realizar tarefas dinâmicas, onde a criança poderá questionar o que ela conhece em nossa sociedade e ver até que ponto as sociedades indígenas têm algo a nos oferecer. Sugerimos também que os trabalhos realizados (desenhos, cartazes, cartas, etc.) sejam enviados às escolas indígenas diretamente ou através dos regionais do Cimi, cujos endereços colocamos no final

do livrinho. Isto será uma maneira de se aproximar estes dois mundos que não devem ser tão distantes como estão.

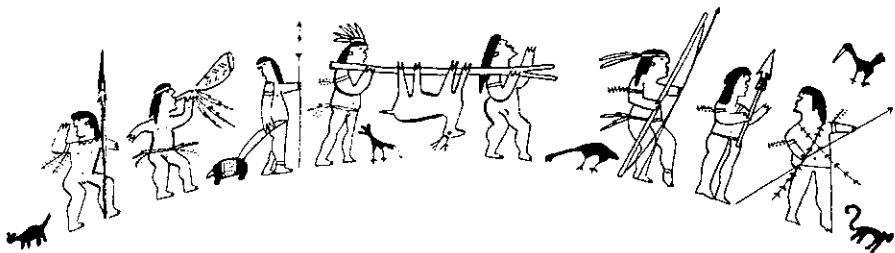
Na abordagem antropológica tivemos a assessoria da prof. Aracy Lopes da Silva (USP-São Paulo) e do prof. Júlio César Melatti (UnB-Brasília), que infelizmente não pôde ser melhor aproveitada pela premência do tempo que nos obrigavam os prazos editoriais. As falhas encontradas são de nossa inteira responsabilidade, que esperamos corrigir na próxima edição. Por isto estamos abertos a toda e qualquer sugestão, tanto na parte antropológica, como na parte pedagógica, para que o material possa ser cada vez melhor utilizado pelas escolas.

Deixamos de público nossos agradecimentos à artista Ciça Fittipaldi e à Editora Melhoramentos, por nos terem permitido a utilização do seu material, aliás de excelente qualidade, e que a todos recomendamos.

**Cimi**

# 1ª Parte

# SOMOS ASSIM



# 1. O nascimento da vida

Foto: Benedito Prezlia



Aldeia Pedra Furada – GO

Mansamente os primeiros raios de sol entram nas casas da aldeia, procurando despertar seus moradores. Rio Vermelho é uma aldeia dos índios Krahô, igual a outras que existem no norte de Goiás. Ela é redonda, como uma grande roda, com os caminhos saindo de cada casa indo até o centro da aldeia, onde forma um pátio.

Pouco a pouco, as pessoas vão deixando suas esteiras para ir banhar-se no rio que passa perto. O banho é muitas vezes familiar: o pai vai à frente e a mãe e as crianças logo atrás. Não é só de manhã que vão ao rio. À tardezinha há outro banho e cada vez que se precisa de água para beber, aproveita-se não só para encher a cabaça ou o pote, mas também para se refrescar um pouquinho na água corrente.

Naquele dia a família de Txepã não foi banhar-se. Nos últimos dias Pikrô, sua esposa, não estava muito disposta. Sua enorme barriga dizia que o nenê ia nascer logo. Pikrô ainda não tinha 17 anos e esperava seu segundo filho.

Nessa mesma noite começou a sentir dores de parto e sem dizer nada a ninguém foi enfrentando sozinha aquele momento difícil. Ela já conhecia o que era ter filho e por isso estava tranqüila. Precisava passar por esta prova para poder ver o sorriso do nenê.

De vez em quando dava um gemido...

Foi assim que sua mãe, que dormia ao lado, acordou e viu que a filha precisaria dela. Txepã, o marido de Pikrô, também acordou assustado. Sem dizer uma palavra, acompanhava com seus grandes olhos cada gemido da esposa. Nem o barulho do fogo, que de vez em quando estalava, distraía a atenção daquele pai que não tirava os olhos de sua companheira.



De repente a criança começou a nascer e logo um choro de nenê encheu de alegria aquele lugar. Pikrô não sabia se chorava ou se sorria. Era mais um homenzinho que nascia – o segundo da família. Com um ar vitorioso, Txepã falou baixinho para sua mulher:

– É homem!

Enquanto isto, a mãe de Pikrô já tinha envolvido o nenê num pano e estava colocando a água no fogo para dar o primeiro banho morno na criança. Momentos depois, com o nenê no colo, a avó com muito carinho começou a lavar a criança, passando sua mão molhada no corpinho do recém-nascido. Ela nem fazia conta do banho que estava igualmente tomando, pois o importante era a criança não sentir frio naquele momento.

Pikrô, no seu canto terminava o parto, lavando-se também naquela água morninha, símbolo da vida – a água viva do rio, aquecida pela força do fogo.

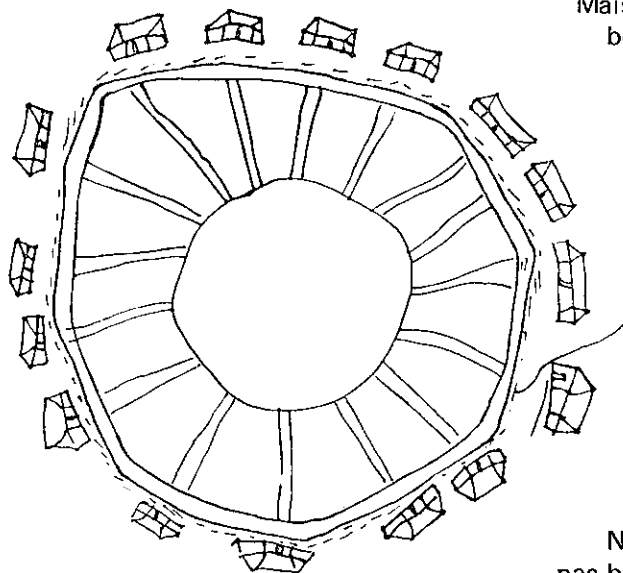
Durante uma semana Txepã só iria comer alimento à base de milho, não poderia fazer trabalhos pesados e ficaria boa parte do tempo em casa. Se comesse carne ou desobedecesse alguma destas normas, ele ou o nenê poderiam ter uma doença brava ou mesmo morrer. Txepã queria que seu filho crescesse forte e sadio, e de boa vontade aceitou todos estes sacrifícios.

Assim nasceu o segundo filho de Txepã e de Pikrô, da nação **Krahô**, o povo que constrói a aldeia redonda. Lá todos são iguais e ninguém é mais do que o outro. Lá não existe rico e nem pobre e todos têm os mesmos direitos. Por isso a aldeia é redonda, mostrando que ninguém está acima do outro.

Foto: Benedito Preziosi



Índia Krahô



Mais tarde o menino receberá o nome do "padrinho" e o afilhado participará mais ainda do seu grupo. Entre os **Krahô** e em muitos grupos que falam a língua Jê, a comunidade é dividida em dois grupos ou em duas metades, como dizem. Cada um ao nascer, através do padrinho, vai ser integrado num destes grupos.

Nas festas, nas corridas, nas brincadeiras, o afilhado estará sempre no grupo de seu "padrinho", tornando-se este um segundo pai. Se por acaso a mãe ou o pai morrer, o menino continuará com a família da mãe. Assim nunca existirão nas comunidades indígenas "crianças abandonadas", pois sempre haverá alguém para acolhê-las.

Quando o padrinho for dar oficialmente o nome a seu afilhado, faz-se uma grande festa. Cada grupo ajudará o padrinho a enfeitar seu afilhado com penas e pinturas no corpo. Esta festa pode durar vários dias e tem muita comida e bebida.

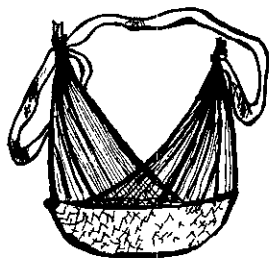
Outras nações indígenas têm também a "festa do nome". Entre os **Kadiwéu**, no Mato Grosso do Sul, esta festa acontece quando as crianças estão com três ou quatro anos. Se nessa época a colheita não está boa, não fazem festa, mas apenas uma cerimônia simples: a criança passa de casa em casa e é apresentada com seu novo nome.

Entre os povos indígenas o nome é uma coisa muito importante para as pessoas e está sempre ligado às tradições da aldeia. Entre eles tudo tem um sentido, tudo tem um significado e muitas vezes o nome muda de acordo com a idade ou com um acontecimento importante da vida.

**Nunca existirão nas comunidades indígenas "crianças abandonadas", pois sempre haverá alguém para acolhê-las.**

## EXERCÍCIOS

- 1 – Fazer uma leitura silenciosa do texto e procurar no dicionário as palavras desconhecidas.
- 2 – Pesquisar na 2ª parte do livreto o nome dos outros grupos que fazem parte da família Timbira, a que pertence os **Krahô**.
- 3 – Localizar no mapa de Goiás as aldeias deste grupo e verificar se sempre moraram lá ou de onde vieram.
- 4 – Colocar as carteiras em círculo para a leitura do texto. A seguir, responder:
  - a – será que a disposição das carteiras em círculo, como a aldeia dos índios **Krahô**, muda alguma coisa na realização da atividade?
  - b – o que mais lhe chamou a atenção neste texto?
  - c – o que há de parecido e o que há de diferente em nossa cultura?
  - d – por que não existe “criança abandonada” entre os grupos indígenas?
- 5 – Após a discussão, dividir a classe em grupos para fazer dois cartazes: num se colocará o que temos de parecido com a cultura deste povo e no outro, o que temos de diferente. Usar fotos e desenhos.
- 6 – Por que o nome é importante para o povo **Krahô**?
- 7 – Faça um desenho de uma aldeia krahô e escreva embaixo o que esta maneira de morar representa para você.
- 8 – Por que no desenho que um índio **Krahô** fez de sua aldeia, há um pátio tão grande?
- 9 – Cada aluno poderá escrever uma carta para os jovens da nação **Krahô**, para contar o que está achando do futuro dos povos indígenas no Brasil.  
As cartas poderão ser enviadas para:  
CIMI – Goiás  
Pr. Frei Antonio s/n  
77.550 – Tocantínia – GO
- 10 – Dramatizar um “nascimento da vida”, seja em nossa sociedade, seja numa sociedade indígena.

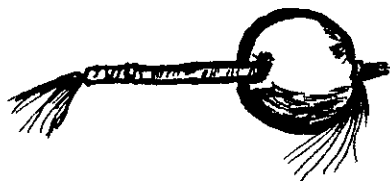


## LEITURA PARA OS ALUNOS

- 1 – **O ritual e o místico na vida dos Krahô** – Suplemento do Porantim, nº 6, pág. 3, 1986.
- 2 – **Os Krahô em busca do Kyiré** – Porantim, junho de 1986, pág. 16.
- 3 – **Terapia Krahô vence tensões** – Porantim, outubro de 1984, pág. 16.

## LEITURA PARA OS PROFESSORES

- 1 – **Índios do Brasil** – Júlio César Melatti, Hucitec, São Paulo, 1986.
- 2 – **Leituras de Etnologia brasileira** – Egon Schaden, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1976.
- 3 – **Ritos de uma tribo Timbira** – Júlio César Melatti, Ática Editora, São Paulo, 1978.



## 2. O menino e a flauta



*Bem longe de Goiás, ao norte do Mato Grosso, vive um povo que não constrói sua aldeia redonda, como os da nação **Krahô** e nem dorme em esteiras ou em redes. É o povo **Nambiquara**, chamado de povo cinza, pois como dorme no chão, quando faz frio, passa cinza no corpo para se aquecer mais. Numa lenda ou mito, seus antepassados contam como surgiu a roça, que fez com que eles não passassem mais fome. Vamos ouví-los:*

“Antes, tudo que tinha já estava naquelas matas do vale. Era uma andança danada, de cá para lá, atrás de cajú, abiu, castanha, pequi.

Às vezes o mato minguava, ficava seco e não dava nada. O pessoal vivia reclamando dessa falta de comida.

Nas bandas do buritizal, longe da aldeia, um índio tinha visto rastro de anta, de paca, tatu. No outro dia, tardinha, sol frio, ele e seu filho saíram para caçar.

No meio do mato, o menino ouviu um som muito bonito:

– Escuta! Que barulho gostoso...

O pai não estava escutando nada; continuou andando. Mais um pouquinho, outra vez:

– Escuta, pai! Que música bonita!

– Não estou ouvindo nada, não. Presta atenção, olha só: o rastro da anta. Ela ainda volta por aqui.

Subiram numa árvore, bem quietinhos para esperar a anta. O menino só ouvia aquele som, soprando macio no meio das folhas. Passou um pouco, a anta veio mesmo. Mas em vez de atirar a flecha, o menino falou:

– Escuta, pai! Que lindura! Isto é barulho de flauta!

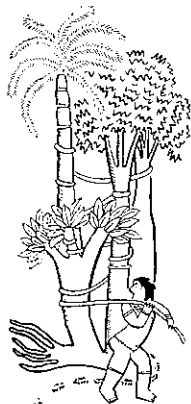
A anta ficou para escutar? Foi a conta de fugir na mesma hora.

O pai que não estava ouvindo coisa nenhuma, ficou zangado:

– Que música, que nada! Desse jeito você não aprende a caçar.

Agora temos que voltar para a aldeia de mão vazia.

Mas o menino era um **xamã** e ninguém sabia. Xamã é um grande sabedor de coisas. Ele sabe o que todo mundo sabe, sabe o que os outros não sabem e sabe aquilo que ainda os outros vão saber.



Quase noite, os dois voltando para casa, o menino falou:

– Esta floresta é muito boa, pai. Eu quero ficar e crescer aqui mesmo. Você pode voltar pra aldeia sozinho.

– Mas eu não posso fazer isto. Você tem que voltar comigo.

– Não, nada disso. Quero que você me carregue, fazendo um grande círculo. Depois me deixa bem no meio.

Era uma idéia aloucada, mas o pai não teve força para resistir. Enquanto fazia a roda, o menino falava:

– Não conte pra ninguém onde estou.

Ninguém pode saber. Você tem que esperar duas luas pra vir me buscar.

Assim o índio voltou sozinho para a aldeia.

Foi chegando, sua mulher quis saber cadê o menino.

– Não sei, não. Estou zangado e muito triste. Ninguém sabe onde ele está.

A mulher começou a chorar, chorou a noite inteira.

No escuro do mato, o menino trabalhava com seus poderes.

Pra começar fez uma corda de embira, muito grande e amarrou todo o mato. Diz que numa puxada de força, arrancou tudo. Deixou só terra mesmo.

No dia seguinte sua mãe entrou um pouquinho no mato e viu uma carreira de formiga-cortadeira carregando umas folhinhas diferentes.

– Olhe para essas formigas! O que elas estão carregando?

Ele, percebendo que aquilo era coisa do filho, distraiu a mulher.

– Quando subir a próxima lua – prometeu – vou procurar nosso filho.

A lua subiu bem alta; o pai do menino entrou na mata. Andou muito, a noite inteira; o lugar não chegava.

As estrelas apagaram, o céu começou a avermelhar, de manhã bem cedinho ele chegou naquele bom lugar. Encontrou uma roça linda, com tudo que é planta boa de comer.

– Puxa! Meu filho trabalhou muito pra fazer tudo isso! – admirou. Mas onde será que ele está?

Foi quando ele ouviu um som bonito, soprando macio: o som da flauta. Seguiu o som até o poente; não achou o menino. Foi ao norte, foi ao sul, a flauta tocando em toda a direção, ele andando em círculo, desorientado.

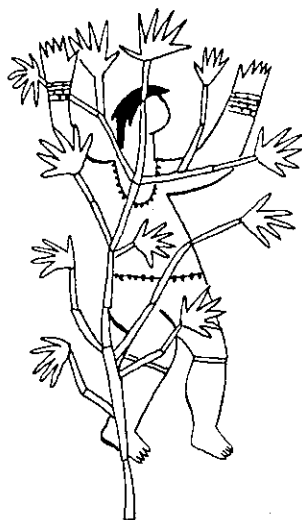
Já estava quase desistindo, quando lembrou da tal roda que fez com seu filho. Talvez o encontrasse no meio dela: no meio da roça. Foi no meio da roça que ele encontrou uma flauta, tocando bonito, bonito mesmo.

Ao olhar cada nova planta, aos pouquinhos foi descobrindo tudo: a cabaça, da melhor que tem pra fazer cuia, parecida com a cabeça do menino... a folha do pé de mandioca, parecida com a mão do menino...

Ah! com certeza foi isso. O menino se transformou em roça, em tudo que é planta boa de comer. Os ossos viraram os galhos da mandioca. As pernas, mandioca mesmo, de fazer beiju e farinha tapioca. As orelhas, então eram favas; e as costelas, vagens de feijão. Os dentes se transformaram em grãos de milho, as unhas em amendoim. O sangue virou urucum, que se usa pra pintar o corpo de vermelho. Tudo transformado!

Agora **Nambiquara** tem mandioca, tem toda semente, é só plantar.

Não falta mais beiju. O menino fez tudo, virou roça.”

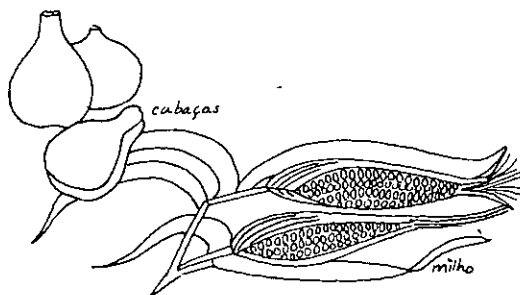


(“O menino e a flauta”, mito Nambiquara, adaptado por Ciça Fitipaldi, Comp. Ed. Melhoramentos, 1986).



## EXERCÍCIOS

- 1 – Dividir a classe em grupos de cinco, fazer leitura em conjunto e narrar a história com as próprias palavras. Em seguida responder:
  - a – Quais as frutas que os **Nambiquara** colhiam antigamente?
  - b – Perto do buritizal havia sempre rastros de que animais?
  - c – Que é um xamã? Será que em nossa sociedade existem pessoas que têm poderes de xamã ou pajé?
  - d – Em que plantas o menino-xamã se transformou?
- 2 – Após o trabalho em grupo, cada qual vai escrever o que entendeu da história e qual a mensagem que ela nos dá.
- 3 – Dramatizar a história ou fazer um jogral, com o auxílio do professor.
- 4 – Você conhece alguma outra história parecida, onde Deus ou algum ser superior ajudou o homem a encontrar alimentos? Pesquise na Bíblia ou no folclore brasileiro.
- 5 – Cada aluno fará um desenho do menino-xamã que virou roça e das plantas em que ele se transformou.
- 6 – Fazer uma exposição na escola do material produzido.





### 3. A festa da menina-moça



Sentia-se no ar um clima de festa naquele dia. Na véspera, o cacique Pedro e outros principais da aldeia resolveram celebrar a festa da menina-moça, o que não acontecia há muito tempo. Duas jovens estavam se tornando moça, com a primeira menstruação, e era preciso fazer o ritual.

A festa tinha que ser bonita. Tinha que ter muita mandioca, milho e carne de macaco para os convidados, que deveriam logo chegar. Os **Nambiquara**, que muito sofreram com a invasão de suas terras, por fazendeiros e aproveitadores, estavam agora recuperando os costumes dos antigos.

O capitão Pedro, como também era chamado, mandou convite para todos os parentes da região que moravam em oito aldeias, além de seus vizinhos da nação **Rikbaktsa**.

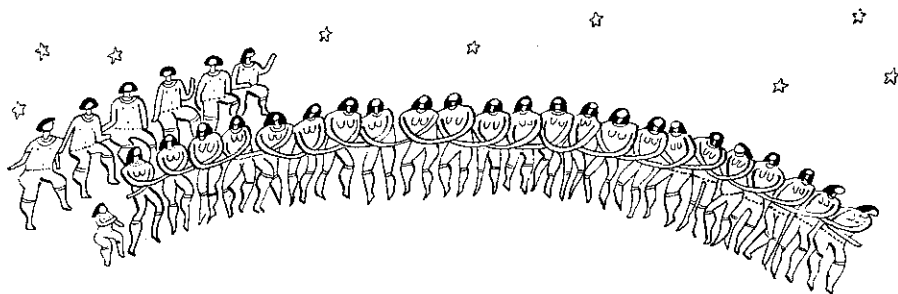
Finalmente começaram a chegar os convidados. Quando o grupo estava numeroso, a comida e a bebida preparadas, a festa começou.

As meninas-moças já estavam trancadas há quase dois meses. Nesse tempo elas não podiam sair de sua casa, nem conversar com outras pessoas ou cortar o cabelo. Todos os dias tomavam banho com água morna, dado pela própria mãe. Separadas de todos durante esse tempo, iam conhecendo os segredos de ser mãe e de ser esposa, porque depois desta cerimônia, elas já poderiam se casar.

A festa começou à noite. Dois padrinhos, escolhidos na aldeia, foram buscar as meninas, levando-as para o pátio. Rodeadas pelos participantes, elas chegaram com os olhos cobertos pelos cabelos, significando que ainda não estavam preparadas para o mundo dos adultos. No centro da aldeia, os homens se colocaram numa roda e as mulheres em outra. Puxado por um cantor, começou o canto, que alternadamente foi respondido por todos. As meninas entraram no grupo das mulheres, que com animação iam e vinham num ritmo que não variava muito. A música falava dessa passagem em que a menina deixa de ser criança para se tornar esposa e mãe.

Foi assim que as meninas participaram destas três noites, cuja festa ia até o nascer do sol. Todos estavam muito alegres e com a chicha – uma deliciosa bebida feita de milho – os participantes conseguiam dançar até o amanhecer...

Na última noite, antes do sol raiar, as meninas foram cercadas por todos, tendo ao lado seus pais e padrinhos. Estes, com muito orgulho, falaram que suas afilhadas estavam preparadas para a nova vida, prontas para o casamento.



A dança recomeçou e todos, felizes, celebraram a entrada de mais duas futuras mães em sua comunidade. O **menino-xamã**, da história da flauta, continuava ajudando este povo não apenas a ter comida, mas também muitos filhos, que farão dos **Nambiquara** um povo forte e alegre.

Com tantos convidados de fora, o capitão Pedro ficou tão alegre que resolveu fazer a festa dos adolescentes, quando é furado o nariz e o lábio inferior, como sinal da entrada dos meninos no mundo dos adultos. Desta vez não só os jovens participaram, como também os adultos, pois já fazia muito que esta festa não acontecia.

A alma deste povo estava renascendo.

(Baseado no relato de Júlia Pascal sobre a festa ocorrida em outubro de 1986, na aldeia do Capitão Pedro. **Porantim**, novembro de 1986, pág. 16).

**Os Nambiquara, que muito sofreram com a invasão de suas terras por fazendeiros e aproveitadores, estão agora recuperando os antigos costumes.**

## EXERCÍCIOS

- 1 – Dividir a classe entre meninos e meninas e fazer a leitura do texto separadamente.
- 2 – Levantar as palavras desconhecidas e procurar seu significado.
- 3 – Responder nos grupos, anteriormente divididos, às seguintes questões:
  - a – quando é que a menina **Nambiquara** é separada dos demais para o ritual de preparação?
  - b – o que é menstruação e quando ela acontece?
  - c – entre os meninos, qual é o sinal sexual de que eles estão se tornando adultos?
  - d – por que entre os **Nambiquara**, as adolescentes que estão no ritual, quando saem de casa, aparecem sempre com os olhos cobertos pelo cabelo?
  - e – por que entre os grupos indígenas a mulher se casa tão cedo? O que acha disto?
  - f – que ritual os **Nambiquara** têm para marcar a entrada dos meninos no mundo dos adultos?
- 4 – Pesquisar em outros livros os rituais de iniciação dos grupos indígenas do Brasil.

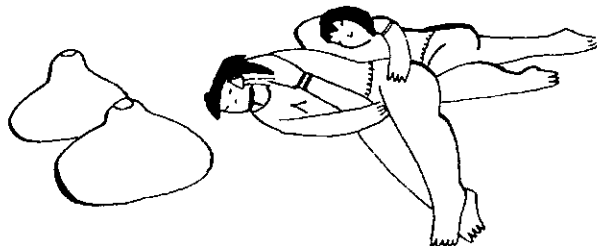
- 5 – Pesquisar no Porantim e na 2ª parte deste livreto sobre a situação atual dos Nambiquara e fazer um cartaz colocando suas aldeias e a estrada Cuiabá-Porto Velho que corta suas terras.
- 6 – Para discutir o papel da Funai, órgão que responde pelos índios no Brasil, dividir a classe em dois grupos. Após uma pesquisa em jornais, no Porantim e em livros, fazer um pequeno debate, devendo um grupo ser a favor do órgão oficial e o outro contra.
- 7 – Procurar saber como viviam os **Nambiquara**, quando o General Rondon os encontrou e comparar com a situação atual (ver texto na 2ª parte deste livreto).

### LEITURA PARA OS ALUNOS

- 1 – **O menino e a flauta** – Ciça Fittipaldi, Melhoramentos, São Paulo, 1986.
- 2 – **A riqueza do mundo mágico e religioso dos Nambiquara**, Suplemento do Porantim, novembro de 1986, pág. 3.
- 3 – **Nambikwara, o latifúndio apressa o final** – Porantim, março de 1982, pág. 4.
- 4 – **A mão branca contra o povo cinza** – Vincent Carelli e Milton Severiano, Brasil Debates, S. Paulo, 1980.

### LEITURA PARA OS PROFESSORES

- 1 – **Índios em Mato Grosso**, Opan-Cimi, Cuiabá, 1987 (pedidos ao Cimi Nacional)
- 2 – **Vítimas do milagre**, Shelton Davis, Zahar Edit., Rio, 1978.
- 3 – **Nossos índios, nossos mortos**, Edilson Martins. Edit. Codecri, Rio, 1978.





Menino Xavante

podem cantar e alguns alimentos que só eles podem plantar.

Como é diferente da nossa cultura, onde o adolescente nunca sabe quem ele é. Quando ele faz alguma coisa errada, logo é chamado de irresponsável, mas quando deseja mostrar de que é capaz, os adultos vão dizendo: "Você não pode fazer isto, porque você é uma criança!"

Os **Xavante** não só dão valor a seus **wapté**, como também os preparam bem, sempre orientados pelos padrinhos. Durante um bom tempo os **wapté** vivem e dormem juntos, numa casa especial, um pouco distantes da aldeia. Quando termina a preparação feita pelos padrinhos, fazem uma grande festa, no final da qual as orelhas dos adolescentes são furadas. Para esta festa as famílias dos **wapté** têm que ca-

## 4. A festa dos Wapté

Um dia a mãe de Butsé olhou orgulhosa para seu filho que crescia. Estava na hora de colocar no cumpim o pedaço de umbigo do filho que guardava numa cabaça, pois ele já ia entrar nos sete anos.

Os **Xavante**, como todas as nações indígenas, têm suas tradições e suas leis. A destruição do umbigo no cumpim significa a separação da criança de seus pais, pois nessa ocasião o menino começa a ficar mais independente.

O tempo foi correndo e Butsé estava crescendo. Agora era um

**wapté**, isto é, um adolescente. Como ele tinha esperado esta idade! Os Xavante dão muita importância aos **wapté**, pois serão eles os futuros guerreiros e chefes de família. Tem até certos cantos que só eles

çar muitos pássaros para ter penas bonitas para enfeitá-los e o milho precisa estar maduro para fazer as broas do ritual.

**Os Xavante dão muita importância a seus adolescentes, pois serão eles os futuros guerreiros e os chefes de família.**

### O banho que fortifica

Naquela noite Butsé nem dormiu direito, pensando no ritual que logo ia começar. Antes do nascer do sol, todos os adolescentes acordaram para serem pintados com urucum por seus padrinhos. Como Butsé estava bonito, todo pintado de vermelho e com uma pena de arara na cabeça! Como estava orgulhoso de seu enfeite!



A festa que dura quase um mês, começava com o banho no rio. Passando por fora da aldeia, os padrinhos e os velhos, acompanharam os adolescentes nesse primeiro banho ritual. Chegando lá, entraram primeiro os mais velhos, em seguida os padrinhos e depois os **wapté**. Na água, com as mãos em forma de concha, os adolescentes começavam a jogar água para o alto, para direita e para a esquerda, sempre acompanhado com um movimento dos pés. De quando em quando paravam para descansar. Foram nesse ritmo até o meio-dia, até chegar, trazidas por seus pais, as broas de milho, assadas na brasa. Todos ti-



nham que comer dentro d'água, mesmo que já estivessem tremendo de frio.

Quando o sol se pôs, o mais velho da aldeia veio chamá-los de volta e cada um foi para a casa do pai. Suas irmãzinhas os esperavam com as mãos pretas de carvão, que vão passar em seus corpos, deixando belas listas pretas.

Todo pintado, Butsé foi deitar na cama do pai, assim como seus colegas, cada um em sua casa. Já de noite, tiveram que sair para dormir fora de casa, numa esteira colocada sobre um estrado feito de folhas de palmeiras. A partir daí já não eram mais **wapté**, mas sim **wate'wa**, isto é, aquele que está se iniciando.

Enquanto a aldeia dormia, todos os **wate'wa** voltaram para um novo banho no rio. A água corrente para os **Xavante** simboliza a vida e todos estes banhos servem para tornar os jovens mais fortes e bonitos. Depois do banho, retornaram para dormir, e no dia seguinte foram novamente ao rio, onde começou tudo de novo.

Isto durou um mês. Enfim era uma dura prova que todos tinham que passar. No final ia haver outra cerimônia importante – a perfuração das orelhas.

Há um tempo os pauzinhos que seriam colocados nas orelhas já estavam preparados e pintados de urucum. No dia marcado, bem cedo, o encarregado da cerimônia foi chamar os meninos que estavam se banhando no rio. Muito alegres, todos saíram d'água e apanharam suas bordunas, indo cada um diante da casa do pai. Butsé, como os demais, sentou-se numa esteira, com as pernas cruzadas, esperando a hora da perfuração. Ele sabia que ia doer um pouco, mas **Xavante** tem que ser corajoso, e guerreiro não pode ter medo da dor.

Com um osso pontudo, tirado da perna traseira da onça pintada, a orelha de Butsé foi furada, sem que ele desse um sinal de choro ou de dor. Com o pauzinho na orelha, pintada de urucum, que serve também de remédio contra infecções e com a borduna na mão, entrou na casa do pai como um valente guerreiro.

Pintado novamente de preto por sua irmãzinha, estava pronto para o futuro. Agora já era adulto.

**A água corrente para os Xavante é símbolo da vida!**

## EXERCÍCIOS

- 1 – Após uma leitura silenciosa do texto, escrever as palavras desconhecidas, juntamente com sua significação.
- 2 – Dividir a classe em grupos, que deverão responder às seguintes questões:
  - a – Por que entre os **Xavante**, quando a criança atinge os 7 anos, a mãe coloca no cupim o pedaço do cordão umbilical que ela guardou?
  - b – quando a criança nasce, por que é cortado o cordão umbilical?
  - c – como os **Xavante** tratam seus adolescentes?
  - d – como você foi ou é tratado como adolescente na escola e na sua família? Que problemas encontrou ou ainda encontra?
  - e – o que significam os banhos no ritual **xavante** de iniciação dos adolescentes?
  - f – como nossa sociedade prepara os jovens para entrar no mundo dos adultos? Você acha que eles são bem preparados? Sim ou não e por quê?
- 3 – Escrever uma redação com o tema: “A água, fonte de vida”.
- 4 – Por que cada nação indígena tem seus costumes e uma língua diferente?
- 5 – Explique o que é nação, etnia e país. Verifique se há nações dentro do nosso país e quantas são.
- 6 – Procure na nova Constituição o que está escrito sobre as nações indígenas no Brasil e veja se ela beneficia estes povos.
- 7 – As nações indígenas no Brasil são respeitadas em seus direitos e na sua cultura? Sim ou não e por quê?
- 8 – Pesquise no livreto “Nossos Direitos, nossa vida” e escreva um texto sobre o tema: “O direito de ser diferente”.

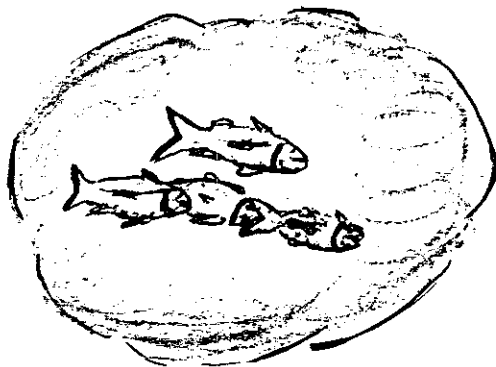
### LEITURA RECOMENDADA PARA OS ALUNOS

- 1 – **Povos Renascidos**, Cimi-CNBB, Série B, vol. 1, Brasília 1986.
- 2 – **Somos Povos, somos nações**, Cimi-CNBB, Série B, vol. 2, Brasília 1987.
- 3 – **Nossos direitos, nossa vida**, Cimi-CNBB, Série A, vol. 2, Brasília 1987.
- 4 – **Xavante, reserva de brasilidade** – B. Giacaria e A. Heide, Editora Salesiana, São Paulo, 1984.
- 5 – **Mapa “Povos indígenas no Brasil”**, Cimi, Brasília, 1985.



## LEITURA RECOMENDADA PARA OS PROFESSORES

- 1 - **Xavante, povo autêntico**, B. Giaccaria e A. Heide, Editora Dom Bosco, São Paulo, 1972.
- 2 - **A Sociedade Xavante**, David Maybury Lewis, Livraria Francisco Alves, Rio, 1984.
- 3 - **Jerônimo Xavante conta**, B. Giaccaria e A. Heide, Editora Dom Bosco, São Paulo, 1975.
- 4 - **Jerônimo Xavante sonha**, B. Giaccaria e A. Heide, Editora Dom Bosco, São Paulo, 1975.



# 5. O casamento de Araru

Há um certo tempo Merirodo estava ansiosa. Já era moça e gostaria de ter um companheiro. Seu coração mostrava que Araru, o novo professor que recentemente havia voltado para a aldeia, poderia ser um dia seu marido.

Entre os **Bororo\***, ao contrário da maior parte das nações indígenas, é a mulher e não o homem que dá o primeiro passo para a formação de um novo lar.

Araru era um jovem de 18 anos, muito ligado à família de Merirodo. Havia feito feito até a 6ª série na escola da Missão e voltara à aldeia para ser monitor, pois a professora da Funai tinha ido embora.

Naquela manhã, Merirodo não conseguia nem ralar direito a mandioca, com seus pensamentos voando para a figura de Araru.

- Será que ele aceitaria meu pedido de casamento? Será que alguma outra jovem não teria tido o mesmo desejo? Tudo isso pensava ela com muita ansiedade.

Merirodo não havia falado nada à sua mãe, mas esta já percebera que a filha estava muito inquieta.



\* Lê-se Borôro

– O que estaria acontecendo? Será que a menina estava gostando de alguém? Quem sabe! Já tinha idade e toda a preparação já havia sido feita. Seria uma boa coisa o casamento neste período. Com tão poucos rapazes, precisava ver logo o futuro dela.

Envolvida nesses pensamentos enquanto pilava o arroz, eis que Merirodo chega devagarinho e lhe diz:

– Mãe, quero casar com Araru. Tá bom assim?

– Você é quem sabe, responde a mãe. Se quiser, ajudo você a preparar a comida.

Para nós esta resposta não teria nenhum sentido, mas para os **Bororo** o convite oficial de casamento precisa ir sempre acompanhado de uma refeição preparada pela moça e levada pela futura sogra.

No dia seguinte, na hora do almoço, Merirodo e sua mãe foram à casa de Araru levar uma comida do seu agrado. Ele havia há pouco chegado da escola e descansava em frente da casa, esperando a comida que sua mãe terminava de preparar.

Aquela manhã fora importante para ele. Seus alunos já estavam escrevendo as primeiras palavras na língua bororo. Uma semana mais estariam escrevendo até na areia, como ele viu outro dia palavras rabiscadas no meio da estrada arenosa. Como é bonito sentir o trabalho dando fruto!

Empolgado com esta pequena vitória, nem viu as duas mulheres chegando à porta de sua casa. Quando levantou os olhos, escutou logo uma frase muito conhecida dos rapazes:

– Meu genro, vim com minha filha que deseja viver contigo, porque te quer bem.

Foto: Egon Heck



Família Bororo – aldeia Meruri

Não respondeu nada, como é costume entre os **Bororo**. Nervosamente pôs-se a rabiscar o chão, sem saber o que fazer.

As duas mulheres foram embora e a cabeça de Araru disparou com toda velocidade. Pensou em muita coisa, sobretudo no estudo que estava planejando continuar em Cuiabá. Será que o casamento iria atrapalhá-lo? Se deixasse a aldeia, não seria uma fuga? Era importante pensar no futuro da escolinha. Não fora ele que lutara para que o estudo fosse dado em duas línguas, bororo e português? A cultura de seu povo não poderia nunca morrer.

O casamento era uma forma concreta de continuar, através de seus filhos, a luta da nação **Bororo**, que tinha muito a recuperar. Em várias aldeias a entrada da Funai e dos padres fez com que as tradições do povo **Bororo** fosse desaparecendo. Aquilo que faz alguém ser **Bororo** e não branco precisava continuar: a língua, as festas, os rituais, as tradições.

Passada esta primeira tempestade de dúvidas, um pouco mais calmo, viu diante dele o prato da refeição. Precisava decidir. Se comesse, era sinal que concordaria com o casamento. Se não comesse sua mãe deveria devolver o prato cheio para a moça, em sinal de sua negativa àquela proposta.

O mais importante para ele era o futuro de seu povo, que naquele momento podia ser feforçado com o casamento com Merirodo. Já a conhecia há tempos. No período que esteve estudando fora, Merirodo crescera e agora com seus 16 anos era uma jovem bem vistosa. Poderia ser uma boa esposa e uma boa mãe. O estudo na cidade poderia até afastá-lo das lutas de seu povo.

Resolveu então comer a refeição e entregar o prato vazio à sua mãe:

– Vou me casar com Merirodo e quero que devolva amanhã este prato na casa dela.

No dia seguinte, segundo o costume bororo, o prato foi devolvido com outra comida feita pela mãe de Araru. Antigamente o jovem **Bororo**, que recebia uma proposta de casamento, tinha que buscar uma caça e mandá-la para sua futura esposa em sinal de aceitação. Hoje, é diferente. A caça desapareceu e qualquer comida do agrado da noiva, substitui este ritual.

Ao receber o prato, a mãe de Merirodo ficou feliz. Pintou-a segundo a tradição e colocou nos pulsos uma tira de algodão, sinal de mulher casada. A partir deste dia, os dois começaram a se visitar mais para se conhecerem melhor, até o dia em que Araru se mudou para a casa da sogra, ficando assim efetivamente casado.

## EXERCÍCIOS

- 1 – Ler o texto em classe, procurando conhecer os termos novos.
- 2 – Dividir a classe em dois grupos e cada um procure reproduzir a história com as próprias palavras.
- 3 – Ainda com os grupos divididos, propor as seguintes atividades:
  - fazer um cartaz mostrando algumas características da nação **Bororo** e tentar dramatizar a situação relatada.
- 4 – Discutir em grupo as seguintes questões:
  - o que acha do costume bororo de se pedir em casamento?
  - por que em nossa sociedade é sempre o homem que toma a iniciativa?
  - descrever maneiras diversas de se pedir em casamento em outros povos.
  - em nossa sociedade os jovens são bem preparados para o casamento? Que sugestões você dá para os adultos?
- 5 – Fazer dois mapas mostrando onde os **Bororo** viviam antigamente e onde vivem hoje.
- 6 – O que você acha da atuação da Igreja católica junto aos grupos indígenas? E de outras Igrejas cristãs?
- 7 – Na sua opinião, qual deve ser o nosso papel junto aos povos indígenas?
- 8 – Você concorda que as crianças indígenas devam ser alfabetizadas em português? Pesquise este ponto na nova Constituição e descubra os direitos indígenas em nosso país.

### LEITURA RECOMENDADA PARA OS ALUNOS

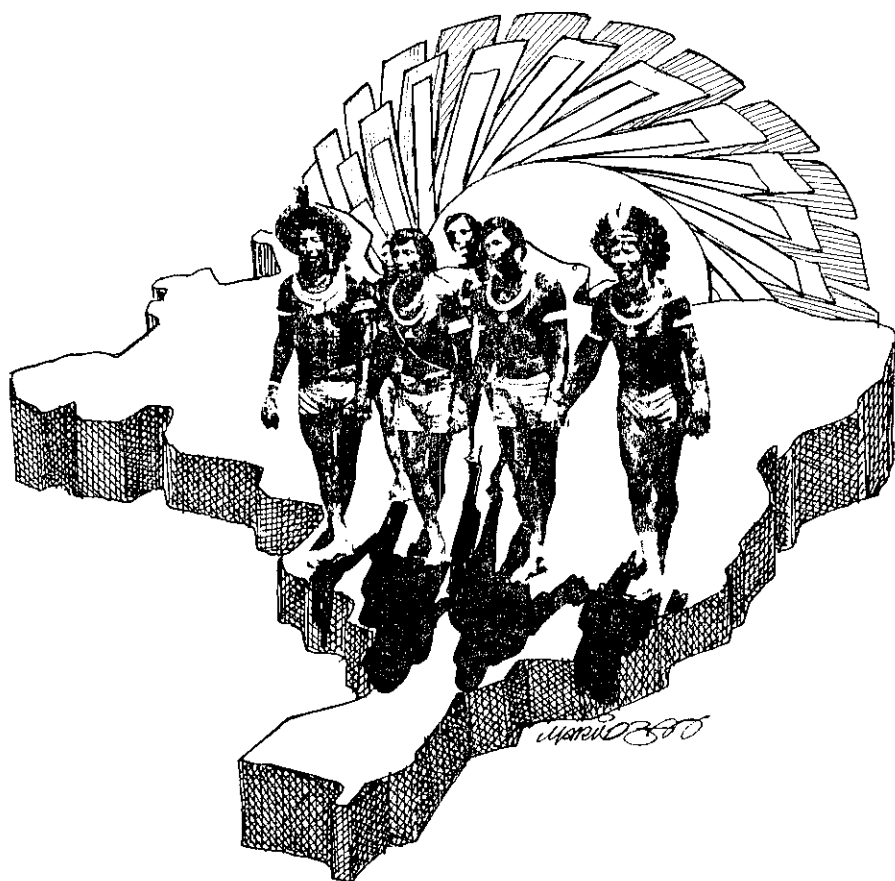
- 1 – **Precisamos um chão** – Elizabeth R. Amarante e, Ed. Loyola, São Paulo, 1982 (pedidos ao Cimi Nacional)
- 2 – **Os Bororo na história do Centro-Oeste brasileiro** – Mário Bordignon, Missão Salesiana e Cimi-MT, Campo Grande, 1987 (pedidos ao Cimi Nacional)
- 3 – **A lenda sangrenta**, Suplemento do Porantim, nº 8, 1987, pág. 4

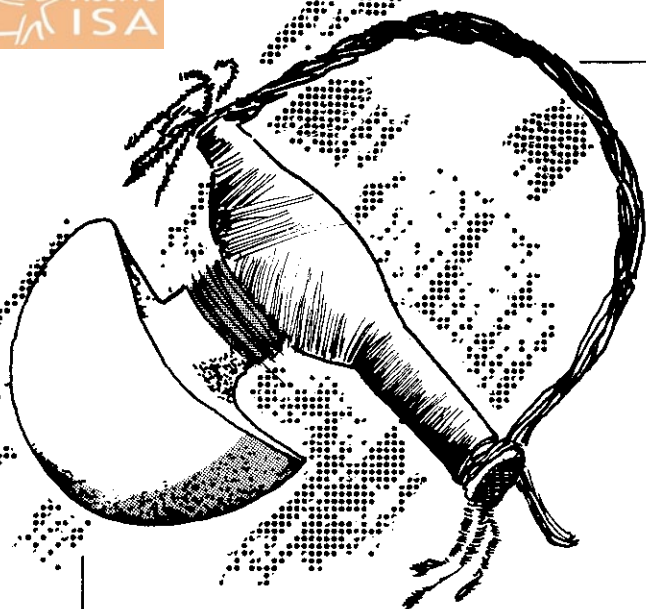
### LEITURA RECOMENDADA PARA OS PROFESSORES

- 1 – **Ensaio de Etnologia Brasileira** – Herbert Baldus, Comp. Ed. Nacional, São Paulo, 1979, Col. Brasileira, vol. 101
- 2 – **Enciclopédia Bororo** – Albisetti e Venturelli, Museu Regional Dom Bosco, Campo Grande, 1962, vol. 1 e 2.

# 2ª Parte

# ESTAMOS ASSIM





## 1. A Nação Krahô

O povo Krahô, que vive atualmente no norte de Goiás, nem sempre viveu lá. Expulsos pelos portugueses que invadiram o sul do Maranhão, no século XVIII tiveram que procurar outras terras mais seguras, chegando até a região onde hoje se encontram, no norte de Goiás.

Os Krahô pertencem ao grupo **Timbira**, assim como outros povos seus parentes – **Apinajé**, **Krikati**, **Gavião** e **Canela**. Com exceção dos **Apinajé**, todos ainda moram no sul do Maranhão. Sua língua e sua cultura fazem parte dos povos que formam o grupo **Jê**, como os Kayapó, os Xavante e os Suyá, que vivem no Centro-Oeste do Brasil.

Uma das características da nação **Krahô** é a construção de sua aldeia em forma de círculo. Toda a vida deles, tanto social como religiosa (festas, corridas, chefia da aldeia) é repartida entre dois grupos – os Wakmeyê e os Katamyê. Um dirige a aldeia na época da seca e o outro na época das águas.

Assim todos têm oportunidade de serem responsáveis na direção de seu grupo, não havendo brigas ou conflitos entre eles. Quando isto acontece, procuram resolver sempre em conjunto.

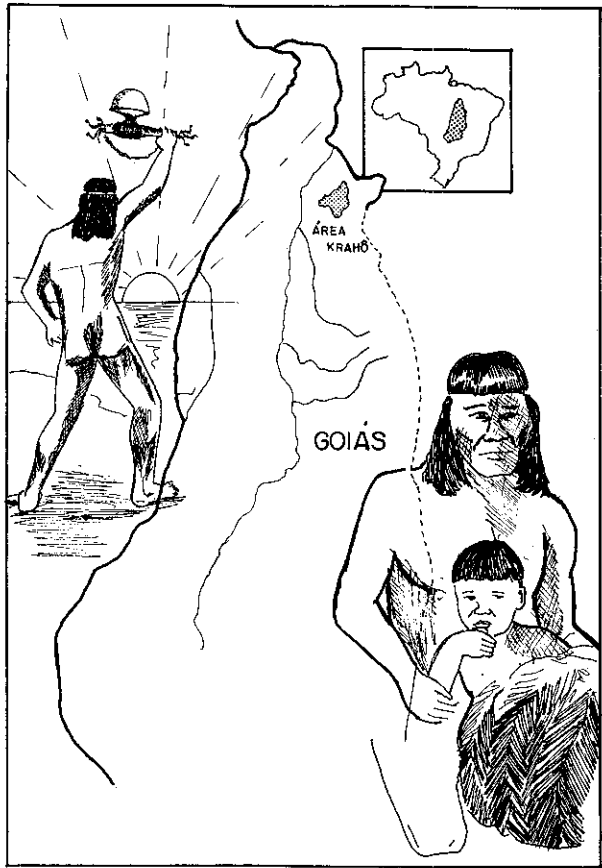
São um povo alegre. Toda a noite dançam e cantam no pátio.

As festas têm uma importância grande para eles, assim como as corridas de tora de buriti, que chegam a pesar até 100 kg., onde homens e mulheres participam.

Atualmente os **Krahô** vivem em 8 aldeias, num total de aproximadamente 1.000 pessoas.



## 2. Os Mâkraré se levantam



Nos últimos anos, entre as oito aldeias **Krahô**, a que mais tem se distinguido por sua luta e resistência é a aldeia do Galheiro (ex-Posto Indígena Xupé).

Quando, no início de 1981, a aldeia do Galheiro fora palco de um grande desrespeito por parte da Funai, que enviou lá a polícia federal acompanhando dois funcionários a fim de prender um ex-funcionário sob suspeita de induzir os índios ao tráfico e consumo de maconha e, como tal, para apurar acusação de que naquela aldeia se cultivava a dita erva, os **Krahô**

foram vítimas de difamação e o Galheiro não suportou pacificamente uma tal atitude de intimidação: fez a comitiva policialiesca se encher de vergonha e, a partir daí, mandou embora os funcionários, desativando o posto indígena. Desde então, a aldeia não aceitou mais funcionários da Funai.

Ultimamente, a política indigenista oficial, a mais desastrosa da história da Funai, tem tentado, sob vários tipos de pressão, dominar de vez a altivez dos **Krahô**. Tem conseguido em parte o seu intento. Até parece que o último reduto de resistência se chama Galheiro. Apesar de muitas famílias terem se mudado para outras aldeias à procura da "capa protetora" da Funai, houve ainda um grupo, consciente e coeso, que continuou na resistência e na luta por um mínimo de autodeterminação.

No entanto, não se pode dizer ainda que todo o povo **Krahô** foi

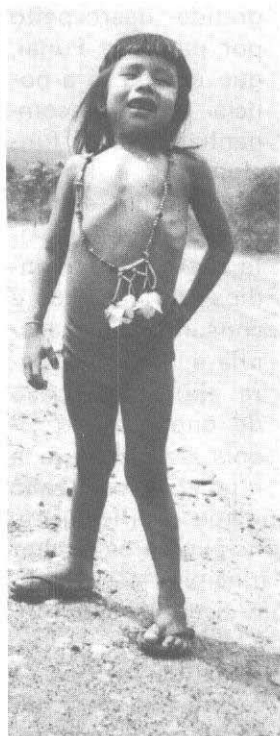


vencido. Felizmente, ainda não foram transformados num bando de miseráveis ou num dócil rebanho que se leva para lá e para cá de acordo com a variação das pastagens. Ainda existe uma reserva de personalidade, resistente até à cooptação por dinheiro, presentes ou funções remuneradas de efeito temporário. Tal “reserva de personalidade” foi que levou a aldeia do Galheiro a tomar uma grande decisão, um passo realmente histórico na caminhada de um povo indígena no Brasil da Nova República, mostrando que sabe o que quer, a despeito do protecionismo, do autoritarismo e da tutela despersionalizante. A decisão de uma séria retomada da identidade ferida.

A antiga denominação dos **Krahô** (antes do contato), que a sua memória sempre guardou com muito carinho, era a de “**MĀKRARÉ**”. A aldeia do Galheiro, num gesto de muita consciência, resolve retomar o nome primitivo de sua nação. Não aceitam mais ser chamados de “krahô”.

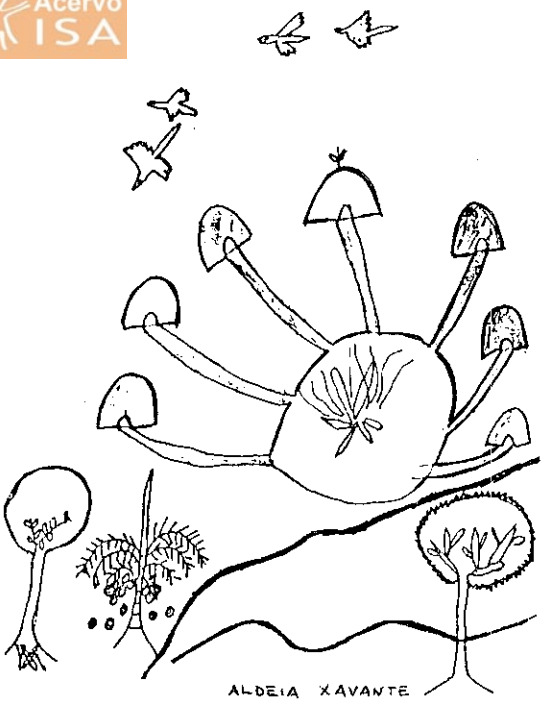
– “Então, podem dizer que os **Krahô** estão vencidos, que não vamos brigar por isso”. “Krahô”, diz o grande líder Pahi (Aleixo), “são as outras aldeias que vivem subjugadas à Funai. Nós não dependemos da Funai. Somos os **mākraré** legítimos! Aqui agora é a **ALDEIA DOS MĀKRARÉ** – Mākraré jō krī”. (Valber Kontxä, Krahôlândia, 20 de outubro de 1987).

Foto: Valber Barbosa



Criança Krahô





### 3. A Nação Xavante

Xavante é o nome que os portugueses deram a este grupo, que vivia nos fins do século XVI no norte de Goiás. Eles mesmos se chamam de AUWÊ, que significa "pessoa, gente".

Os **Xavante** foram um povo guerreiro e caçador, mas conheciam também a agricultura. Cultivavam milho, feijão e abóbora. Hoje, além das roças tradicionais, plantam mandioca e arroz.

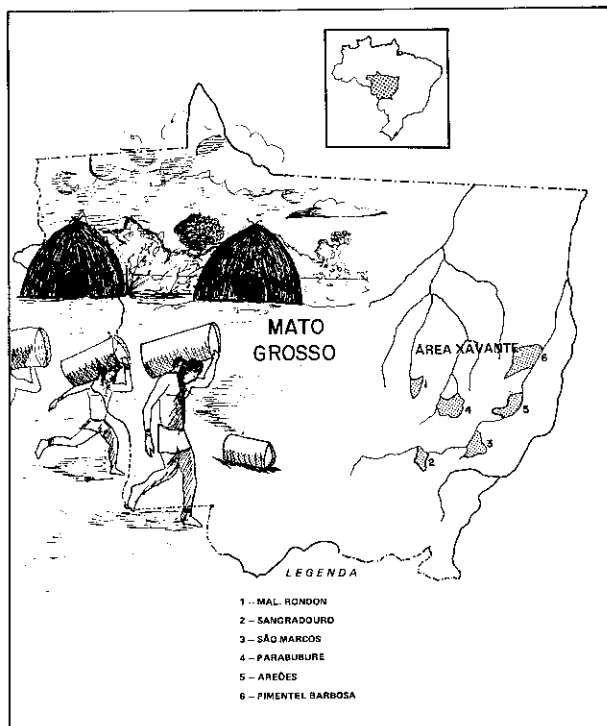
A aldeia tem a forma de uma ferradura, com a abertura voltada para o rio, que sempre passa perto da aldeia. No meio desta, fica uma praça, que é também o local de reuniões dos homens, onde se tomam as grandes decisões da comunidade.

Os **Xavante** costumam também dividir a comunidade em duas metades, como quase todos os povos da língua **Jê**, refletindo isto na realização das festas e outras atividades. Há, também, a divisão em classe de idade: criança, adolescente, rapaz, adulto, ancião e velho. A passagem de uma classe para outra é feita sempre em grupo e com uma festa especial.

A cultura **Xavante**, em todas suas manifestações, é marcada pela idéia da vida, representada especialmente pelo nascimento. Acreditam nos espíritos maus, que provocam a doença e a morte.

Atualmente os **Xavante** vivem em 8 aldeias, no sul do Estado de Mato Grosso, tendo uma população com mais de 4 mil habitantes.

## 4. Fome ameaça os Xavante



Como se não bastasse a falta de escola, remédios, médico e dentista, água em alguns rios, peixes em outros – entupidos de agrotóxicos no período das chuvas – enfrentando um monte de doenças que matam, os **Xavante** temem, para o próximo ano, um outro flagelo: a fome. E a culpa, segundo eles, só poderia ser da Funai, que prometeu todo apoio para que retomassem as lavouras mecanizadas e até agora não cumpriu nenhuma pro-

messagem feita pelos seus técnicos ao percorrerem as aldeias em maio. As sementes não chegaram. As máquinas ou peças, também, e o dinheiro ninguém sabe onde anda.

“Em Brasília, dizem que foi para Cuiabá. Lá, juram que veio para Xavantina. Mas aqui não chegou. Quem sabe onde foi aplicado dinheiro do índio?” – resmungou um cacique na reserva de Areões. Abandonados pela política oficial e apertados pelos fazendeiros, como sentiram na tentativa de ataque à aldeia de Novo Paraíso, reserva de Kuluene, no dia 12 de março, os **Xavante** sabem que precisam de mais terra para evitar o extermínio. Pintado de preto e vermelho, o cacique da aldeia, Gabriel, se diz cansado de esperar demarcação e garante fazê-la, se a Funai fingir de surda, “no braço”.

### Tuberculose mata cacique

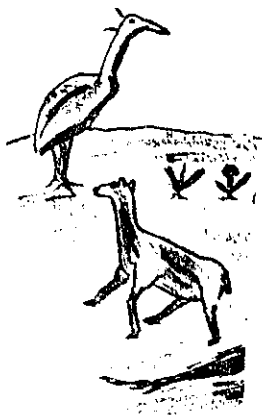
“Por que Funai quer acabar com índio?” Caras amarradas, os mil índios procuravam com esta indagação entender a razão que levou a Funai a não enviar os medicamentos solicitados, de forma até insisten-

te, para combater a tuberculose que matou o cacique Aniceto, 40 anos, na aldeia Nova Campinas, 150 quilômetros de Xavantina, no Mato Grosso. Pior ainda é que, na última vez que o cacique fora se tratar em Cuiabá, acabara nas malhas da Polícia Federal.

Só o vice-cacique Daniel, em tom muito duro, falou. Os outros choravam e gemiam, num ritual fúnebre a que os brancos normalmente não têm acesso. Fizeram uma exceção e permitiram fotos e uma curta gravação de vídeo. Depois do enterro, o chefe do posto (não há nada além da portaria de nomeação), com palavras secas, apresentou, em nome de um grupo enorme que o cercava, um recorte da **Folha de São Paulo**, no dia 24 de julho, onde o presidente da Funai, Romero Jucá Filho, rebatendo um relatório do Bird, garantia que índio não morreria mais de tuberculose no país.

“Funai só mente” – esbravejou, antes, o vice-cacique. Aproveitou e denunciou as tentativas da política indigenista oficial de continuar exterminando as nações indígenas. Revelou lances das tentativas de “suborno” às lideranças, para manter um fácil controle das aldeias. Uma prática que Aniceto, pelo que se sabe, jamais aceitou.

“Não, não quero nada para mim. Quero para o meu povo. Vendo minhas coisas e vou com meu dinheiro quando tenho que ir a Brasília ou Cuiabá. Quando chego, logo me oferecem dinheiro para voltar. Estamos lutando e plantando muita roça, que você vê aí. Sabemos que a Funai não vai mandar dinheiro dos projetos. Vamos trabalhar muito e depois brigar feio com a Funai. A morte do cacique mostra que o Governo quer mesmo acabar com os índios. Nós vamos resistir,” afirmou o vice-cacique Daniel. **(Nilton José, Porantim, dezembro de 1987, pág. 3).**





## 5. A Nação Bororo

Como a maioria das nações indígenas no Brasil, este grupo é chamado erradamente de **Bororo**. Quando os paulistas os encontraram no século XVII não sabendo a língua e nem o nome do grupo, a única palavra que entendiam nos seus cantos era **bororo**, que significa pátio e aldeia – passando assim a denominá-los. Eles, pelo contrário, se chamam **Bóe**, que significa pessoa, gente. Nessa época eram aproximadamente 10 mil pessoas.

Vindos talvez da Bolívia, este povo, por sua língua, faz parte do grande tronco lingüístico Macro-Jê. Como outros grupos Jê, os **Bororo** têm sua comunidade dividida em duas metades – Tugarege e Echeræe. Ao invés de ser um motivo de separação, esta divisão promove um grande equilíbrio entre a comunidade, como acontece entre os demais grupos Jê. Antigamente a aldeia era redonda, mas hoje, com a influência do mundo dos brancos, já não a constróem assim.

Na cultura bororo a mulher tem um papel muito importante, sendo ela que toma a iniciativa do casamento e é o rapaz que deverá mudar-se para a casa da sogra. Em algumas cerimônias, ela pode até entrar na casa dos solteiros.

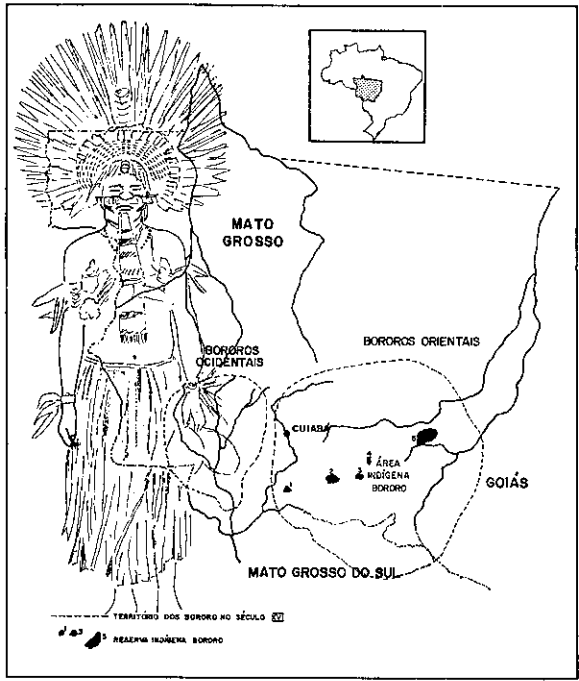
Entre os **Bororo** há dois tipos de xamã ou pajé: uns, que são uma espécie de curandeiros-feiticeiros e conhecem os segredos da natureza e das doenças e outros, chamados de "dono dos caminhos das almas", são uma espécie de sacerdotes, que falam com os espíritos e presidem as cerimônias religiosas.

Ao contrário dos **Xavante**, onde domina a idéia da vida, entre os **Bororo** o que está presente é a idéia da morte. O ritual funerário é um dos mais bonitos do Brasil indígena e pode durar até três meses.

Os **Bóe** estão perdendo muito de suas tradições, mas há um grande esforço para recuperar sua cultura.

Vivem atualmente em cinco aldeias, no sul do Mato Grosso, com uma população de aproximadamente 800 pessoas.

# 6. Rompendo 81 anos de silêncio



Uma arma contra as corrupções da Funai. Assim foi definida pelos **Bororo** de oito aldeias a assembléia que reuniu, em agosto de 83, cerca de 200 representantes desse povo na reserva de Meruri, município de General Carneiro, MT. Depois de 81 anos sem discutir seus problemas em conjunto, os **Bororo** resolveram retomar o antigo costume de se reunir, como faziam antes da chegada dos brancos à região. Logo após o término do encontro, já começaram a

ser encaminhadas as decisões tomadas. O primeiro passo foi a ida de uma comissão de oito líderes a Brasília para entregar ao presidente da Funai um documento, onde denunciaram os desmandos de funcionários.

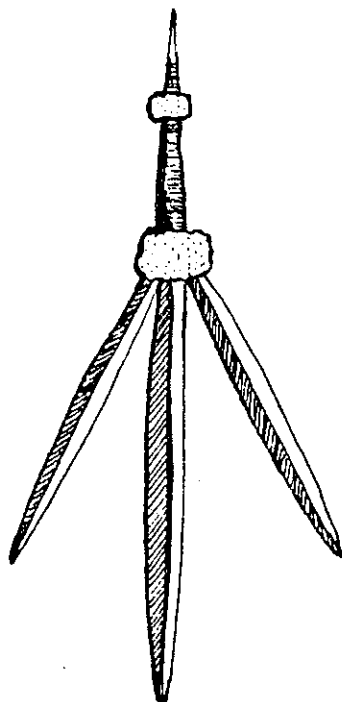
Henrique Atruagaro, que representava a aldeia de Tadarimana, denunciou que nove famílias foram obrigadas a abandonar a aldeia, por não suportarem a pressão do chefe do posto local, que instiga a divisão interna do grupo e o hábito de beber.

O cacique da aldeia de Jarudori, hoje extinta, José Luís Kiarewara, durante a audiência na Funai, acentuou que os **Bororo** estavam somente cobrando o direito pelas terras que lhes foram destinadas por Rondon. "Não queremos nada além dos nossos direitos", disse ele. Paulo Meriekuréu complementou que estavam cobrando um direito que a sociedade deve a eles, pois "desde que o Brasil foi invadido, estamos sendo oprimidos: tiraram nossa vida, nossa cultura e a nossa paz".

Quando Salu Koiwagucéu, cacique de Perigara, convidou os irmãos das aldeias Tadarimana, Meruri, Koregedo Paro (Córrego Grande), Piabage, Colônia, Jarudori e Garças para discutir seus problemas, em conjunto, recebeu a resposta de que só aceitariam se as propostas fossem imediatamente encaminhadas. A idéia deu certo e o trabalho já

começou a ser realizado.

As denúncias e reivindicações à Funai foram feitas, apesar de alguns líderes terem sido ameaçados com prisão quando voltassem às suas aldeias. Dessa forma, os **Bororo** estão mostrando que, apesar de 81 anos de silêncio, não perderam a voz. (**Porantim**, outubro de 83, pág. 3).





## 7. A Nação Nambiquara

A nação Nambiquara está dividida em três grandes grupos, que possuem dialetos diferentes: os **Nambiquara** propriamente ditos, os **Latundê** e os **Sabanê**.

Vivem no vale do rio Guaporé, indo seu território do Oeste matogrossense até Rondônia, na fronteira com a Bolívia.

As aldeias são também redondas, com um pátio central, onde, à noite, todos se reúnem para cantar e dançar. É ali que enterram seus mortos e é ali que está a casa das flautas. Nesta casa são guardadas as flautas sagradas, símbolo da masculinidade e por isso mulher alguma pode vê-las ou entrar naquela casa. Se por acaso desobedecerem, poderão até morrer.

Os **Nambiquara** não possuem redes, esteiras ou cerâmica, usando apenas cabaças para guardar água. Dormem no chão e quando faz frio espalham cinza e deitam sobre ela.

Seu artesanato é pobre e a vida material é simples. Sua vida espiritual pelo contrário é muito rica. Acreditam em espíritos bons e espíritos maus. Estes seres moram nas nascentes, nas grutas e em alguns lugares sagrados. Os **Nambiquara** ouvem suas vozes e deles recebem ajuda e proteção. Por isso os xamã ou pajé têm um papel fundamental entre esse povo.

A criança é muito valorizada entre eles, sendo tratada com bastante carinho e dedicação. Uma das grandes festas é a da menina-moça.

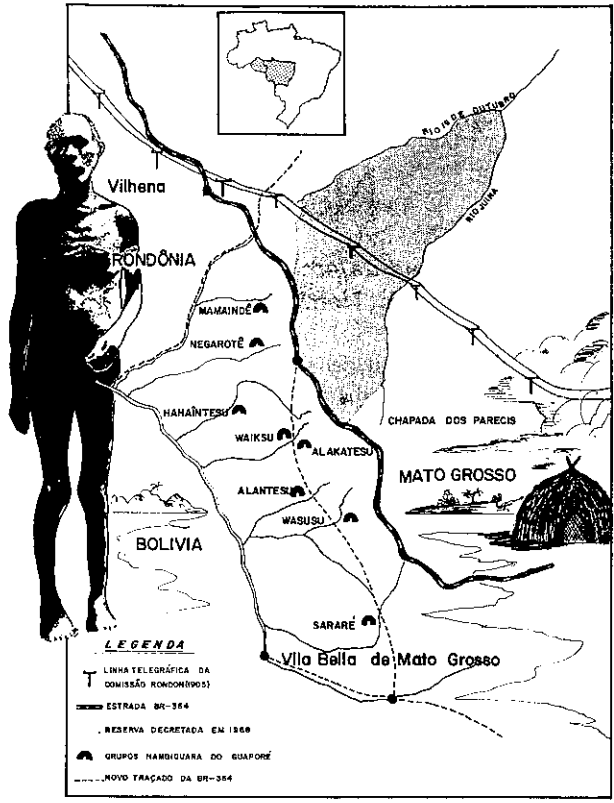
Desde que foram encontrados pela expedição do Marechal Rondon, em 1908, eles estão sendo agredidos por grupos que têm interesse em suas terras, como fazendeiros, posseiros e mineradoras. Até o governo federal, que ao construir a BR-364 – que por ironia da sorte chama-se agora Rodovia Marechal Rondon – provocou talvez a maior tragédia desse povo, conhecida internacionalmente por “Biafra brasileira”. Hoje, muitos vivem mendigando à beira da estrada. A população atual está em torno de 650 pessoas, dividida em oito subgrupos.



# 8. Vamos matar este índio?

Primeiro, aqui era só índio. Não tinha americano, brasileiro, Funai, nada. Aí chegou o missionário americano, em 1964. Passaram três luas, veio o brasileiro: máquina, trator, caminhão. Fizeram estrada, derrubaram muito pau, botaram fogo e começou: capim, capim, capim, caminhão, vaca, vaca, fazenda, arame, arame. Para desgraça dos **Nambiquara**, era finalmente o "civilizado" entrando em seus domínios milenares.

O Vale do Guaporé, matas exuberantes entre Brasil e Bolívia, atrai a cobiça dos



exploradores desde o começo do século 18. Mas por mais de 200 anos os guerreiros **Nambiquara** mantiveram a "mão branca" afastada de suas riquezas. Só o negro, o escravo fugido das minas de ouro coloniais, penetravam a mata virgem para disputar mulheres índias, fundando quilombos.

Ao branco, índio não dava descanso: por décadas saquearam sistematicamente a capital da província – Vila Bella de Mato Grosso – na confluência dos rios Guaporé e Sararé. Mais tarde, o sonho foi transformar Vila Bella no "verdadeiro coração" da América Latina, com a ligação do rio Guaporé ao rio Madeira, com a construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Mas a dupla índio bravo e malária continuava um pesadelo. Vila Bella ficou lá e o velho sonho caiu no esquecimento.

Já na República, em 1908, a Comissão Rondon conseguiu ligar o

Sul ao Madeira, mas passando ao largo do Guaporé, pela Chapada dos Parecis. Ao longo da linha telegráfica implantada, só se podia trafegar com tropas de carga. E ainda uma vez o **Nambiquara** do Guaporé repeliu a investida branca, pondo em fuga seringalistas que ousaram descer o Vale.

E a linha de Rondon continuou sendo, desde sua instalação uma linha fantasma. Raros funcionários, espalhados pelos postos de telégrafo, anos a fio isolados.

O grande azar do povo cinza foi a BR-364, rodovia Cuiabá-Porto Velho, rasgada a partir de 1960 e transitável em 63. Ela escancarou o noroeste do Mato Grosso à ocupação branca voraz: antes que o primeiro caminhão trouxesse a primeira máquina, já no papel o Vale do Guaporé tinha vários “donos” – menos, é claro, os que ali viviam há milênios.

Estradas, campos de aviação, derrubadas, capim, vaca, arame. Ao fim de um ano dá-se o primeiro contato com um grupo **Nambiquara** do Vale. Ao fim de sete anos, oito grupos tiveram contatos, principalmente com missionários americanos. Os contatos foram chamados “pacíficos”, mas...

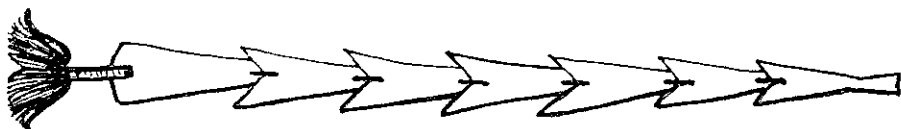
O que se sabe é que se sabe muito pouco sobre estes primeiros contatos entre os **Nambiquara** e empresas agropecuárias. Dentre os poucos episódios conhecidos está o tratamento dado a alguns que recusaram o contato “pacífico”. Aconteceu em fins de 67. Seis índios, homens e mulheres, foram trucidados por indivíduos armados, que invadiram uma aldeia Sararé ainda arredia, perto de Vila Bella.

Na mesma época, dezembro de 67, enquanto extinguiu o SPI – Serviço de Proteção ao Índio, por escandalosa corrupção e outros crimes contra os indígenas, o governo já esboçava o Estatuto do novo órgão – a Funai, Fundação Nacional do Índio.

A nova política era explorar as riquezas da Amazônia, mesmo que fosse preciso arrancar os **Nambiquara** de suas casas que habitavam desde quando nasceram das cinzas, há milhares de anos atrás.

A Funai logo criou a Reserva Nambiquara, com nada menos que 1 milhão de hectares ou 10 mil km<sup>2</sup>. Generoso e cruel: a reserva decretada em outubro de 68 não ficava no Vale do Guaporé, mas sim na Chapada dos Parecis, 70% coberto por terras áridas, cerrado e areia.

**Nambiquara** ali morreria à míngua, trazendo para a sua nação em 1970, um título: “Biafra brasileiro”! (**Mão branca contra o povo cinza – Vamos matar este índio?** – Vincent Carelli e Milton Severiano, Brasil Debates, 1980)



## LEITURA RECOMENDADA

**Suplemento do Porantim\***, anos 1986, 1987.

**O índio na História do Brasil**, Berta Ribeiro, Global Editora, São Paulo, 1983.

**Sociedades Indígenas**, Alcida Ramos, Coleção Princípios, Ática Editora, São Paulo, 1986.

**Línguas Brasileiras\***, Aryon Rodrigues, Loyola, São Paulo, 1986.

**A questão indígena na sala de aula**, Aracy Lopes da Silva e outros, Editora Brasiliense, São Paulo, 1987.

**Balbina, ameaça e destruição na Amazônia\***, Marewa, Manaus, 1987.

**A lenda do guaraná**, Ciça Fittipaldi, Melhoramentos, São Paulo, 1986.

**A linguagem dos pássaros**, Ciça Fittipaldi, Melhoramentos, São Paulo, 1986.

**Bacurau dorme no chão**, Ciça Fittipaldi, Melhoramentos, São Paulo, 1986.



\* Estas publicações podem ser pedidas por reembolso postal para:

Cimi Nacional

C.P. 11-1159

70084 – Brasília – DF

Tel.: (061) 225-9457

## ENDEREÇOS DOS REGIONAIS DO CIMI

### **CIMI AC**

Palácio Episcopal  
Caixa Postal 519  
Fone: (068) 225-7579 e (068) 224-4555  
69900 – Rio Branco – AC

### **CIMI LE**

Av. João Pinheiro, 39 – Ed. Windson – 2º andar – C  
Fone: (031) 224-9351  
30130 – Belo Horizonte – MG

### **CIMI MA**

Arcebisado, Av. D. Pedro II, s/nº  
Caixa Postal 698  
Fone: (098) 222-4243  
65010 – São Luís – MA

### **CIMI MS**

Rua Major Capilé, 3681, Vila Maxwell  
Caixa Postal 682  
Fone: (067) 421-6430  
79800 – Dourados – MS

### **CIMI MT**

Rua João Gomes Sobrinho, 793  
Caixa Postal 147  
Fone: (065) 322-6721  
78001 – Cuiabá – MT

### **CIMI NE**

Rua Giriquiti, 48 – Boa Vista  
Fone: (081) 231-3177  
50070 – Recife – PE

### **CIMI NORTE I**

Rua Tapajós, 54 – Centro  
Caixa Postal 984  
Fone: (092) 233-5020  
69010 – Manaus – AM

### **CIMI NORTE II**

Rua Barão do Triunfo, 3151 – Marco  
Caixa Postal 1454  
Fone: (091) 226-2420  
66050 – Belém – PA

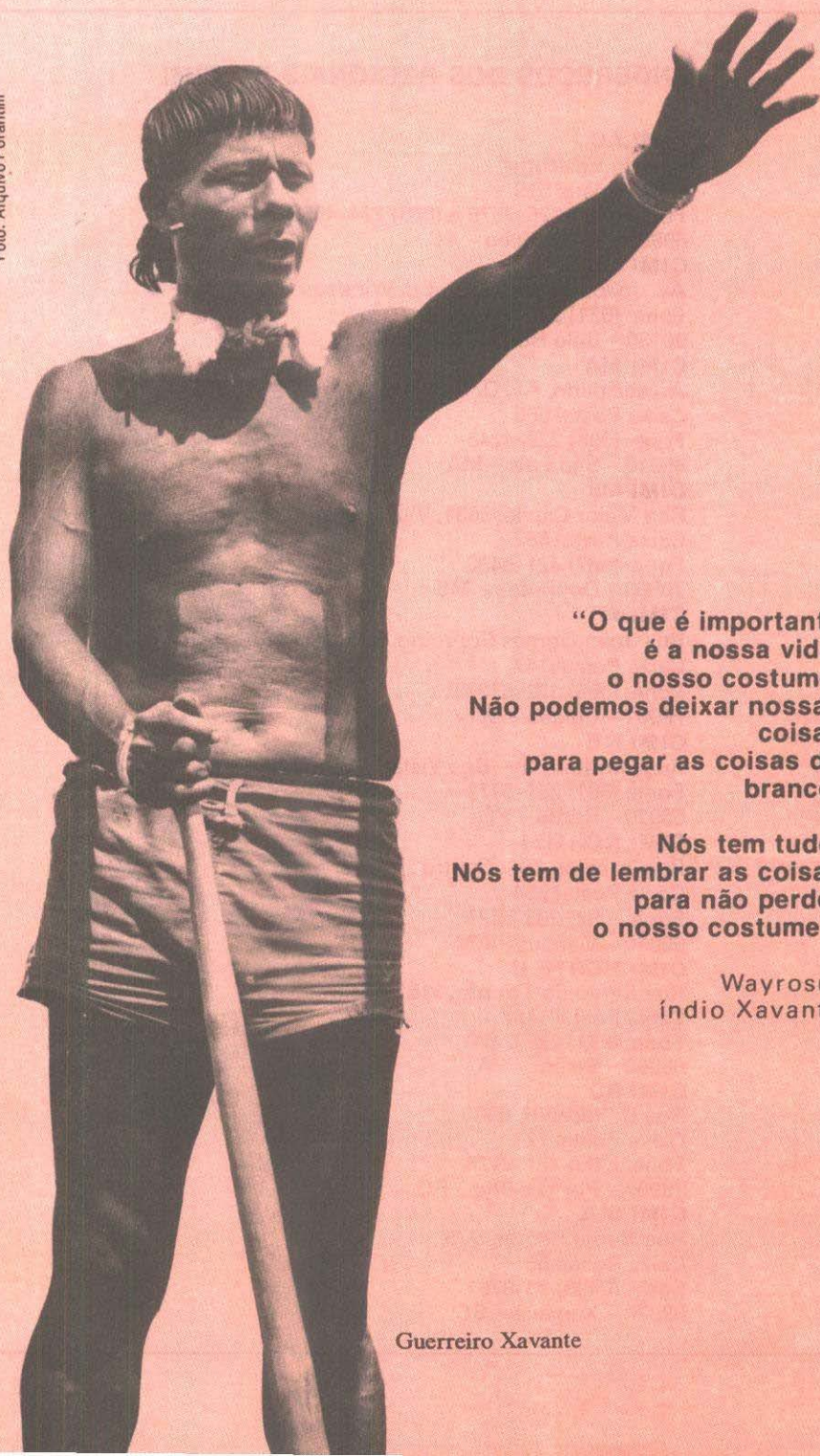
### **CIMI RO**

Rua D. Pedro II, 650  
Caixa Postal 121  
Fone: (069) 221-9175  
78900 – Porto Velho – RO

### **CIMI SUL**

Rua Nereu Ramos, 779  
Caixa Postal 65  
Fone: (0499) 33-0781  
89820 – Xanxerê – SC





**“O que é importante  
é a nossa vida,  
o nosso costume.  
Não podemos deixar nossas  
coisas  
para pegar as coisas do  
branco.**

**Nós tem tudo.  
Nós tem de lembrar as coisas  
para não perder  
o nosso costume.”**

Wayrosu,  
índio Xavante